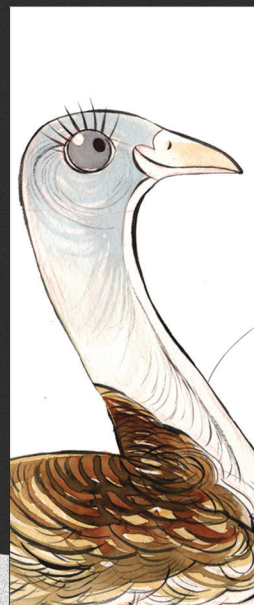


Na imensa planície alentejana,
o futuro de Dona Berta, Sansão, Julião e seus
filhotes pode estar ameaçado por um acontecimento
inesperado... Mas talvez surja no horizonte uma
boa nova que devolva aos bandos de aves
a felicidade de outrora...



AS AVENTURAS DE DONA BERTA, SANSÃO E JULIÃO



Coordenador



Parceiros



Financiamento
comunitário



Co-Financiadores



LIFE07/NAT/P/654 - Contribuição financeira do Programa LIFE da União Europeia
Financiamento da REN é uma medida financiada no âmbito do PPDA aprovado pela ERSE

Texto: Fernanda Freitas | Ilustrações: Rui Sousa

Life  estepárias



Este conto ilustrado foi elaborado no âmbito do Projecto LIFE Estepárias - Conservação da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres nas estepes cerealíferas do Baixo Alentejo (LIFE07/P/654), que tem como principal objectivo minimizar algumas das ameaças à conservação da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres em 4 ZPE do Baixo Alentejo (Castro Verde, Piçarras, Vale do Guadiana e Moura/Mourão/Barrancos) com pseudo-estepes, para assegurar a conservação a longo prazo destas três espécies e contribuir para a gestão da Natura 2000.

Nota para os educadores: O presente conto visa o enriquecimento da exploração pedagógica de conteúdos relacionados com a conservação do habitat da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres, junto dos mais novos. Neste contexto, este livro pode ser utilizado por pais e educadores como forma de sensibilização e de transmissão de conhecimentos.

Edição: LPN – Liga para a Protecção da Natureza 2011

Título: As Aventuras de Dona Berta, Sansão e Julião

Texto: Fernanda Freitas

Ilustração: Rui Sousa

Coordenação da Edição: Cátia Marques e Rita Alcazar

Colaboração: Sandra Policarpo

Pesquisa: Cristina Freire

Concepção gráfica e paginação: Gobius Comunicação e Ciência

Impressão: Gráfica Comercial, sobre papel reciclado totalmente proveniente de resíduos pós-consumo, produzido através de processos isentos de cloro e não procedente de bosques primários (segundo a certificação FSC)

Depósito legal: 329088/11

ISBN: 978-989-97278-1-6

Financiamento: A presente edição foi financiada pelo Programa Comunitário Europeu LIFE + Natureza (LIFE07/NAT/P/654).

Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida no todo ou em parte, sob qualquer meio electrónico ou mecânico (fotocópia, gravação, fotografia, etc.) para qualquer finalidade, sem prévia autorização da LPN.

www.lifeesteparias.lpn.pt

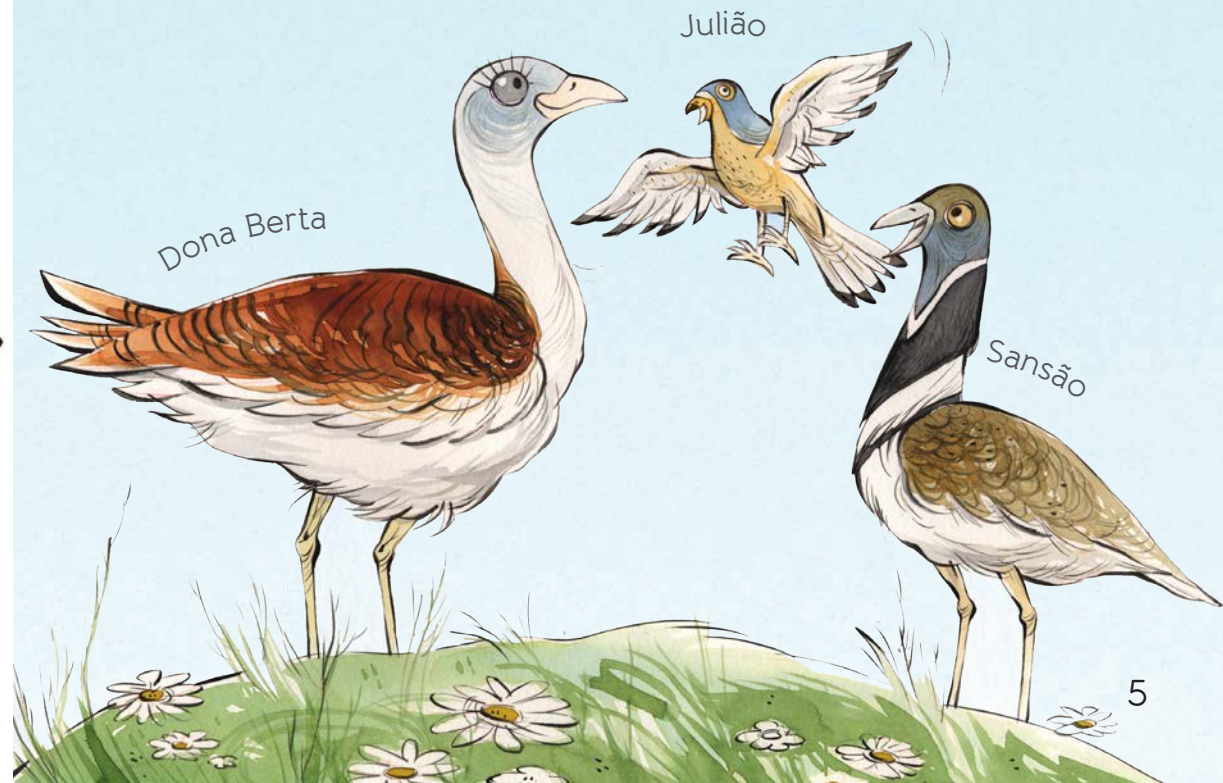


Já o Sol se estendia pela planície quando Dona Berta surgiu majestosamente do meio das ervas. Era hora de pequeno-almoço, uma das refeições mais importantes do dia, por isso à medida que caminhava pela estepe alentejana ia debicando os pequenos talos ainda verdes da nova vegetação.

Dona Berta, uma Senhora Abetarda, vivia feliz na planície: havia comida em abundância e tinha muitos amigos.



Sansão, o Sisão, outra ave que habita a planície e com quem mantinha longas conversas ao entardecer e Julião, um Peneireiro-das-torres que pertencia à família dos falcões e que só cá estava na época da Primavera e do Verão, depois de muitas horas de voo desde o continente africano, mas sempre a tempo para contar as novidades e pôr a conversa em dia.



O bando de Dona Berta era muito grande e organizado.



Viviam todos juntos, mas cada um tinha o seu lugar: havia o bando dos machos, o das fêmeas, o dos machos ainda jovens e o das fêmeas com as suas pequenas crias; este era o bando mais atarefado, já que mães e filhotes andam sempre juntos durante um ano ou até a cria conseguir viver de uma forma independente.

Os machos do bando estavam a preparar a dança nupcial: as suas penas de cor castanho alaranjado estavam mais luminosas e as asas e cauda pareciam bolas de neve, de tão redondas e brancas que ficavam nesta época tão especial. Juntavam-se num local da planície onde não houvesse nada que pudesse distrair as fêmeas, já que eles eram os protagonistas do baile. Aos poucos as fêmeas aproximavam-se e escolhiam o seu par - vá-se lá saber porquê e como! ...já que ao longe eram todos iguais. Talvez seja daqueles bigodes especiais que parecem usar!

Dona Berta acabara o seu pequeno-almoço; pelo caminho ainda tinha comido uns grãos, uns feijões e umas ervilhas. Tinha sido uma refeição bastante equilibrada com todos os nutrientes essenciais para começar bem o dia.

No seu caminhar lento, foi-se aproximando do local onde estavam os machos que dançavam com muita energia na esperança de cada um deles atrair a sua companheira.

E lá estava o Papos, um macho enorme, pesava perto de 14 quilos! O coração de Dona Berta bateu apressadamente: era ele quem seria o pai das suas crias.

Apurou os sentidos, esticou o seu já longo pescoço e aos poucos aproximou-se de Papos que, ao vê-la, não resistiu e encheu ainda mais o peito, arredondou as asas e a cauda e os dois envolveram-se numa bonita dança.



Não muito longe dali estava o seu primo Sansão: também ele, inspirado pelos aromas desta estação florida, procurava uma namorada.

Já tinha mudado de roupa e as suas penas já não eram só pardas; agora tinha uma bela gravata à volta do pescoço, negra com uma barra branca: era a gravata da Primavera! Estava vestido a rigor para iniciar a corte à sua amada.

Agora só faltava subir ao palco e fazer o grande número de sapateado que iria atrair a mãe dos seus futuros filhotes.



Não demorou muito tempo e eis que surge à sua frente Margarida, aquela a quem ele tinha assobiado durante o seu voo. Olharam-se ternamente e Margarida aproximou-se ainda mais; queria ter a certeza de que ele era o mesmo que ainda há pouco lhe assobiara.



Depois de uma tarde de muito namoro, Dona Berta e Margarida despediram-se dos seus pares e cada uma por si procurou local para fazer o ninho onde iriam colocar os seus ovos.

Escolheram um sítio com uma vegetação rasteira, mas com flores de muitos tons e aromas.

Sim, era importante: já que iam ficar cerca de um mês a chocar os ovos, queriam ter à volta muita comida num local agradável, até porque, mal os filhotes nascessem, começariam logo a andar ao lado das suas mães à procura de alimento.

Antes de começar a fazer o ninho Dona Berta, olhou para a ruína da casa abandonada: será que o Julião já tinha voltado?

Julião, e os outros machos do bando de Peneireiros-das-torres, ao chegar à planície, precisavam de ver se aquela casa abandonada servia para o ninho.



Ao contrário da sua amiga Berta, Julião e os da sua espécie utilizavam as cavidades e buracos das estruturas construídas pelo homem, tais como casas ou as torres das igrejas e castelos, para fazerem os ninhos. Alguns preferiam as escarpas de alguma falésia com uma vista fantástica! Mas nem sempre havia um local com boas condições e poucos perigos...

Felizmente muitos voluntários limpavam anualmente as paredes daquela casa, por isso aquele velho monte era perfeito! À sua volta existia uma grande extensão de trigo, rica em gafanhotos e grilos, por isso não iam ter problemas em alimentar todo o bando e as crias.

Do alto de um poste Julião viu, lá ao longe, o bando que começava a ganhar forma. As fêmeas estavam a chegar e eram tantas... Agora era só afinar a voz e começar o canto – *quiquiquiqui - tchak-tchak-tchak* – os sons para atrair uma fêmea.

Julião sabia que quando encontrasse o seu par, juntos iriam chocar os ovos e ele só se afastaria do ninho para procurar comida que delicadamente colocaria junto da sua companheira.

Ao longe avistou uma fêmea que lhe fez saltar o coração, foi amor à primeira vista...

Juliana baixou do seu voo e aterrou num poste no meio do prado cheio de pequenas flores, naquele que seria o lugar ideal para viver durante os próximos meses.

Ajeitou as plumas acastanhadas, as pintas negras que tinha no dorso estavam brilhantes e lustrosas; era de facto uma ave muito bonita.

Quase dez metros acima de si estava Julião; tinha encontrado um grilo, seria o presente ideal para a sua conquista. Picou o voo e com grande agilidade apanhou o insecto.



Foi depositá-lo junto de Juliana. Depois de algumas horas de conversa com muito chilrear à mistura e após mais uns voos para procurar suculentas ofertas para a sua amada, Julião partiu para o ninho que tinha escolhido e Juliana seguiu-o.



Já tinham passado quase três meses desde o início da Primavera.

Na planície já se avistavam os novos habitantes; alguns ainda caminhavam perto dos pais, como era o caso da família de Dona Berta e de Sansão.

Julião e Juliana tinham tido cinco filhotes mas ainda estavam todos no ninho da ruína.

O final da tarde na estepe alentejana era o melhor que todos podiam desejar: com as crias alimentadas e sossegadas, os pais podiam conversar à vontade com os outros animais.

Foi num dia assim que Dona Berta e Sansão se encontraram, tagarelaram da sua experiência de serem pais, do tempo e da vida. Foi então que a meio da conversa Dona Berta falou do seu amigo Julião; afinal já não o viam desde o ano anterior. Será que também ele já tinha família?



Chamaram a Joaquinha: era ela que andava sempre de um lado para o outro a levar os recados e o correio dos animais da planície e pediram-lhe para ir ter com Julião. Queriam convidá-lo para tomar um chá.

Quando Joaquinha regressou com a resposta, Dona Berta disse – Se ele não pode vir ter connosco porque ainda tem os filhotes no ninho, não faz mal; vamos nós ter com ele e levamos as nossas crias, todos juntos vamos passar uma excelente tarde.

Assim foi: Sansão e Dona Berta no dia seguinte, logo pela manhã juntaram a família e partiram. O caminho até ao monte era longo; foram parando e, conversando com outros animais, nem queriam acreditar no que ouviam.



Então a plantação de trigo ia desaparecer? E aquelas bonitas pastagens floridas também? Pelos vistos o Homem estava a estudar um plano para colocar na planície um grande olival e também uma grande floresta. “Já não chegava os campos agrícolas agora não descansarem como deviam”...queixava-se Dona Berta. “É verdade” dizia Sansão, “na época do meu avô, o Homem deixava sempre um grande terreno sem ser cultivado, ao fim de uns tempos tínhamos nova vegetação e novos insectos, isso sim, nesse tempo era bem mais fácil ter comida sempre por perto”.



Isto era uma má notícia, o que é que iria acontecer às aves que ali viviam há tantos anos? Gerações e gerações de animais da planície estavam agora ameaçadas.

Fizeram o resto do caminho, até à ruína, em silêncio; as crias andavam numa roda-viva, sempre a brincar e a apanhar pequenos insectos, um gafanhoto aqui, um grilo ali, sem se aperceberem de que o seu futuro podia estar ameaçado.

À volta do chá os amigos trocaram novidades: Julião e Juliana falaram do continente africano, local para onde voltariam em breve. Dona Berta e Sansão contaram tudo o que tinham ouvido acerca das intenções do Homem em modificar os campos onde os familiares viviam há muitos anos.

Embora a companhia dos amigos fosse importante, havia alguma tristeza no ar: ter de deixar o local onde vivemos e não ter alternativa era muito desolador.





Foi então que Joaquina ao voar junto deles, ouviu a conversa e disse: “amigos não estejam assim tão tristes, eu sei que vão existir muitas alterações por aqui, mas também sei que neste mesmo local, onde agora estamos, vai ser criada uma reserva para as aves da planície. Vão deixar as terras tal como estão, só com a vegetação florida que aqui cresce; a casa abandonada também vai ficar, e mais: não vão existir postes de electricidade por perto, os cabos eléctricos vão passar para o outro lado da reserva”.

A alegria dos amigos era tão grande, todos juntos fizeram um brinde: afinal sempre que existia uma má notícia, mais cedo ou mais tarde, aparecia sempre uma boa nova. Assim, como que a equilibrar a natureza.



Já o Sol começava a descer para o jantar e a mostrar os seus grandes dedos vermelhos, quando as famílias de Dona Berta e Sansão regressaram a casa. Tinha sido um dia repleto de emoções, agora só queriam descansar. Amanhã teriam de reunir todo o bando de Abetardas e Sisões e contar as novidades.

No dia seguinte, a Comunidade Sénior das Aves da Planície deliberou a melhor forma para todos usufruírem desta que seria a sua renovada casa.

Dois verões depois...

...Tudo estava tal qual a Joaquina tinha anunciado:

Uma grande área de planície estava protegida, havia muitas áreas sem vedações; no entanto, nos locais onde havia vedação, esta estava suficientemente alta para as Abetardas poderem passar: era só baixar o pescoço e lá iam elas para lá e para cá. Os pastos continuavam a existir e nas encostas aqui e ali existiam também pequenas elevações, que pareciam palcos, onde os Sisões podiam continuar a fazer o seu sapateado do namoro, na época de acasalamento.



A casa já tinha agora um ar menos abandonado: algumas obras tinham sido feitas por voluntários no sentido de recuperar as frágeis paredes e uma nova torre tinha sido construída. Nova, mas já devidamente esburacada - e assim as famílias de Peneireiro-das-torres, continuaram a viajar todos os anos desde o continente africano até à planície alentejana. E até havia pequenos bebedouros espalhados em vários locais: era inteligente este Homem Novo, guardava a água das chuvas de Inverno e no Verão, através de um pequeno sistema, essa água aparecia em lagos miniatura. E no meio das searas e pastos, onde a comida abundava, surgia aqui e ali uma ou outra charca onde também se podia ir beber um pouco de água para refrescar nesses dias quentes de Verão. Também várias árvores tinham sido ali deixadas, algumas azinheiras e oliveiras, que ofereciam uma bela sombra e alimento.

Todos perceberam que o mais importante era esta partilha e o respeito pelo espaço de cada um. Afinal a mudança não tem de ser uma coisa má.

FIM

PERSONAGENS DESTA HISTÓRIA:



DONA BERTA: a Abetarda fêmea



SANSÃO: o Sisão macho



JULIÃO: o Peneireiro-das-torres macho



PAPOS: a Abetarda macho



MARGARIDA: a namorada do Sansão



JULIANA: a namorada do Julião [uma jovem fêmea de Peneireiro-das-torres]



JOANINHA: a joaninha mensageira

FIGURANTES:

Bando de machos adultos de Abetarda

Bando de machos jovens de Abetarda

Grilos

Gafanhotos

Comunidade Sénior das aves

NOTA:

A Abetarda e o Sisão pertencem à mesma família (*Otididae*) e o Peneireiro-das-torres pertence à família dos falcões (*Falconidae*).

BIOGRAFIA DOS AUTORES:

FERNANDA FREITAS

O início da sua experiência profissional passa pela Rádio Press-Porto e pela Rádio Paris Lisboa. Em 1992 inicia o seu percurso televisivo na RTP2, passando depois pelo Canal Noticias de Lisboa , Canal 21, SIC e de novo no 2º canal da RTP. Há 5 anos, coordena e apresenta o programa diário “Sociedade Civil” trabalhando directamente com mais de 120 entidades da sociedade. É voluntária há 6 anos em hospitais pediátricos. É autora do livro “Sem Medo, Maria” — retratos da violência doméstica em Portugal. Integra o “Fórum para os direitos das crianças e dos jovens” assim como a Plataforma dos direitos da criança; Foi Embaixadora Nacional do Ano europeu contra a pobreza e exclusão social. É Presidente Nacional do Ano Europeu do Voluntariado-2011.

RUI SOUSA

Nasceu em Lisboa no ano de 1966, tendo-se formado em pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em 1992. Vive actualmente em Oeiras, é casado e tem dois filhos. Tem trabalhado exclusivamente, como *freelancer*, em ilustração (nomeadamente para livros escolares, livros infantis, jornais e revistas) assim como em pintura e animação. “O Peixe Contador de Histórias” é o primeiro de três livros da sua própria autoria e reflecte o seu gosto pelas viagens e por história.